

EFEMERIDADES

EFEMERIDADES

IOLANDO MENESES

EFEMERIDADES

EFEMERIDADES

Iolando Meneses

EFEMERIDADES

2^a. Edição

Aracaju/SE
2023

EFEMERIDADES

Iolando Meneses

Capa:

Livrorama

Foto da Capa:

Livrorama

Revisão:

Marianna Sarmento

2023

Iolando320@gmail.com

EFEMERIDADES

Nunca me senti só. Gosto de estar comigo mesmo. Sou a melhor forma de entretenimento que posso encontrar.

(Charles Bukowski)

EFEMERIDADES

EFEMERIDADES

AO LEITOR

Efemeridades é uma coletânea de escritos, sendo a maioria deles na forma de poema e alguns na forma de prosa. Os escrevi desde minha adolescência, lá pelos quatorze anos, até o final da juventude, lá pelos vinte e três anos.

Ao lê-los, será possível conseguir perceber facilmente que existem alguns poemas mais elaborados, e outros, em geral os mais antigos, que deixam claro a pouca destreza do escritor no ofício de escrever poemas. No entanto, uma coisa é certa: você vai conseguir extrair, com alguma facilidade, nas entrelinhas de cada um deles, todas as percepções e sentimentos comuns e inerentes a qualquer adolescente em transição para a juventude e daí para idade adulta: suas angústias e euforias, suas muitas dúvidas e incertezas, inúmeras indagações sem respostas, tristezas duradoras e alegrias passageiras, expectativas pouco claras e muitas frustrações; seus desejos, suas

EFEMERIDADES

insatisfações, sua força e sua fraqueza, suas realizações e seus planos que mudam quase todo dia, assim como aqueles mais perenes que vão lhe acompanhando ao longo do tempo.

Assim é a vida: mudamos tanto e tão rápido que nem percebemos. E continuamos mudando e desafiando nossa finitude. O que ontem era bom, agora nem tanto. De fato, tudo é efêmero. Somos efêmeros. Por isso, acorde, que a vida é efêmera.

Como disse o pensador desconhecido:

Da vida, não quero muito. Quero apenas saber que tentei tudo o que quis. Tive tudo o que pude. Amei tudo o que valia. E perdi apenas o que, no fundo, nunca foi meu”.

O Autor

JISSO FINAL

Aqui eu me delato e cumpro o meu destino,

Aqui é o meu fim.

Como irei cumprir o meu destino

se só a noite conclui o dia e a noite não é morta?

Me leve, ó tempo, por caminhos que eu desconheça.

Meu gosto é tão adstringente que me perturba.

Como posso dar fim ao tempo se ele é rival da matéria,

Só por ela ter estrutura ou formar polímeros

que não me compõem?

Meu colapso me alimenta da fome de palavras.

Só o grito contido do mudo me é ouvido.

Beber meu próprio pranto sacia minha sede.

Minha sede é desvairada

e minha fome é de antimatéria.

EFEMERIDADES

Como irei saber quem sou,
se eu próprio inexisto em mim?
O silêncio da escuridão é meu conforto.
Nem nome eu tenho.

A memória da minha existência é eterna.
Não morre, e isso me consome.
Tenho que dar fim a mim mesmo.
A existência do que eu possuo
é minha própria destruição.

Nada deverá destruir-me.
Só eu é que posso acionar os comandos
que dão fim a mim mesmo.
Eu é que sou meu dono
e não a transparência que me revela.

EFEMERIDADES

O deus que eu sintetizo em mim
é a mentira que me esconde,
É o pano que reprojeta a imagem
que eu não consigo ser.

O que de mim não é refletido,
só a mim endeusa.
Eu tenho o cheiro do sangue quente
que corre no punhal do assassino.

Meu calor tem cor e seu espectro
só a mim enobrece.
Tenho que dar fim a mim.
Isso me dará grande alegria.
É igual a morrer de fome e sede
com pão e água na mão.

EFEMERIDADES

Não posso adiar minha existência.

Não devo correr da reta final.

Preciso cumprir o meu destino.

Onde está o temor que não me aparece?

Ah! O temor me pode dar fim

antes que eu tombe de vez.

Antes disso devo ser aquilo

que os positivistas desconhecem: o mistério.

É o que lhes dá a falta de honra

de dizer não compreendo ou não sei.

Agora sim. Posso dar fim a mim mesmo.

Só eu próprio saberei o meu último instante.

Eis aqui o meu jisso final.

JEITO DE SER PESSOA MINHA

Vive comigo uma pessoa que eu amo.

Gratifico-me com sua presença constante em mim,
desde o momento em que eu descobri que ela existe.

Eu nasci antes que ela conforme o conhecer-se,
mas ela já existia mesmo antes de eu nascer,
motivo pelo qual foi ela que me fez descobrir
que eu já tinha nascido.

Ela está presa a mim assim como estou preso
à gravidade que me atrai para o centro da terra.

Eu cresci com o passar do tempo
ela não cresce,
se aperfeiçoa no seu próprio limite.

Ela me é conhecida, mas é intacta,
porque não posso tocá-la.

EFEMERIDADES

Ela se faz ser sentida pelo mundo,
mas o mundo não a conhece por completo,
porque somente eu que a possuo
e que a conheço em sua plenitude.

Nunca posso ficar alegre,
pois só posso lhe ser útil
para expressar a sua alegria,
alegria que ela própria gesta.

Isso acontece quando rio
E, de modo análogo, quando choro.
Tudo que tenho e carrego é sustentado por ela,
que se faz oculta para ser misteriosamente
importante para mim.

Tudo o que sei é ela que grava em mim

EFEMERIDADES

para que eu não esqueça.

Ela me disse que Deus existe e eu só posso crer.

Ela não. Abraça-se e se envolve com ele.

Aí ela depende de mim, porque somente eu
que posso liberá-la a ter tal encontro.

Quando me envolvo em atos audaciosos,
quando me roço no mundo do prazer
ou quando pratico atos que só a mim satisfazem,
ela se mostra muda, triste e até se faz ausente de mim.
Mas ele é paciente e me concede
o tempo necessário para esperar.

Como sou egoísta e fraco,
porque sem ela eu sou ninguém,
continuo cego e praticando as mesmas ações.
Aí, então, ela grita autoritariamente comigo
dizendo que tenho que me compatibilizar

EFEMERIDADES

com ela, satisfazendo a ela e não a mim.

O que eu tenho, todos veem, e sabem que eu tenho.

Quanto a ela, é oculta.

Eu não posso falar muito a seu respeito

porque posso denunciá-la

e o direito que eu tenho é ela que me cede.

Assim, eu tenho que me acostumar

a ser dependente dela.

Enquanto eu tiver o resto de forças

que ela me dá,

eu continuarei falando,

ou melhor, escrevendo.

Espero que ninguém no mundo a odeie

já que ela não odeia ninguém.

Muitos se gratificam comigo pela sua existência,

EFEMERIDADES

outros esperam que ela exista rapidamente,
mas ela sempre morre e retorna.

Todavia, só sei disso porque ela me disse, é claro.

Eu desafio o mundo inteiro
a conseguir ter o poder de possuir esta pessoa
que mora comigo.

Só eu é que tenho essa graça,
porque ele é único
assim como existem muitas outras únicas,
com uma diferença: essa única é só minha
e só se afastará de vocês comigo.

Quando eu deixar de existir
ela irá comigo para o lugar que ela mesma buscara
durante todo o tempo que me fiz presente a ela,
aliás, o contrário. É que sou muito egocêntrico.
Ah! Existe uma coisa nela

EFEMERIDADES

que é comum às outras: a origem.

Aproveitando-se disso, ela fica triste quando as outras não se autovalorizam pelas suas existências, e até mesmo pela sua capacidade de aproximação com Deus.

Através dela, eu consigo descobrir e sentir a beleza e magnificência das outras. Na sua perfeição, ela me dá acesso aos outros e, apesar da infinita quantidade de diferenças, posso ver que elas também são ricas e repletas de coisas a oferecer.

Eu posso ser quase igual aos outros, ela não.

Pois ela é o cúmulo das diferenças.

Daí eu a amar tanto.

Nós humanos chamamos isso de autoestima, ela chama isso de “nada”.

EFEMERIDADES

Para ela não existe a criação de nomes.

Todos os nomes já existem antes de serem criados.

Eu sou o que em primeira olhada

você vê e identifica.

Eu não posso gostar de ninguém,

de sentir alegrias, de sentir tristezas,

não posso sentir o próximo, não posso buscar nada.

Tudo isso, juntamente com o forte desejo de ser alguém,

é ela que me confere.

Eu não queria admitir que existe um fenômeno

que tem como meta arrancar ela de mim e vice-versa.

Mas, para ser autêntico, tive que admitir.

Quando o fenômeno nos atingir,

a última e única coisa a fazer é “morrer”.

EFEMERIDADES

Eu falei do que possuo, do que tu possuis,
do que todos possuem.

Cada um de modo diferente do outro.

Falei do que não existe adjetivo que qualifique.

Trata-se da pessoa que está dentro de nós.

Falei do ser-pessoa, particularmente meu.

SONETO AO ALÉM

Nosso ser a ti pertence.

Pertença a nós, que tão grande é a graça

Que nos é dada por amor seu.

Que mundo é esse, esperançoso e falido?

Que gente é essa, pequena e forte?

Que amor é esse, oculto e eterno?

Que graça é essa, imerecida e infinita?